

CARTAS DE BERNARDINO DE BARROS GOMES
A JAIME BATALHA REIS

NOTA PARA A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA EM PORTUGAL



Se hoje entre nós se vive e sobrevive dos escritos inéditos das letras, artes e ideias, há em relação aos «científicos» um longo trabalho a fazer frente ao esquecimento deliberado (porque muito menos comerciáveis) a que têm sido votados. Todos nos preocupamos muito, muito com os baús de poetas e romancistas e muito pouco com os ficheiros, herbários e lamelas de etnólogos, botânicos ou químicos. A edição diplomática dos apontamentos de campo de PAUL CHOFFAT, de JÚLIO HENRIQUES ou das observações astronómicas de FREDERICO OOM, talvez não fosse despropositada. A grande incerteza é a de não sabermos se estamos ainda a tempo de o fazer.

BERNARDINO DE BARROS GOMES, naturalista e humanista português da segunda metade de oitocentos, ocupou o seu lugar na história das ciências geográficas através de um estudo de juventude de ORLANDO RIBEIRO: «Barros Gomes, geógrafo», publicado na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, em 1934 ⁽¹⁾. Ao comemorar-se o centenário da edição da obra maior do autor, o biógrafo não deixou de assinalar o evento: «*Cartas Elementares de Portugal*, de BERNARDINO DE BARROS GOMES (1878)» ⁽²⁾. ORLANDO RIBEIRO, ao consultar a bibliografia existente de, e sobre BARROS GOMES e ao socorrer-se do testemunho directo de quem o tinha conhecido, deixava construída uma personalidade forte do pensamento geográfico e, ao mesmo tempo, pistas para a descoberta de uma época marcante da evolução dessa ciência em Portugal.

Foi procurando estudar esses primórdios da Geografia científica através de uma outra das suas figuras — JAIME BATALHA REIS, também

⁽¹⁾ *Lisboa*, II, I, 1934, p. 104-112.

⁽²⁾ *Finisterra*, Lisboa, XIII, 26, 1978, p. 226-229.

agrônomo, também geógrafo, também humanista — que encontrámos notícia do convívio científico e humano que ligou os dois homens.

BERNARDINO DE BARROS GOMES e JAIME BATALHA REIS trocam, entre o início dos anos de 1870 e o da década seguinte, um conjunto importante de cartas, do qual existem as enviadas do primeiro ao segundo, no espólio de BATALHA REIS depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL), onde colhemos inúmeras e diversas referências aos trabalhos científicos em curso (*). BEATRIZ CINATY BATALHA REIS, filha e, em parte, organizadora do espólio, escreve em nota apenas a um dos maços de documentos: «Bernardino Barros Gomes/ (...) Silvicultor e/ depois Padre, depois de enviuar/ Durante tumultos em Lisbôa/ durante a revolução de 1910/ este santo homem foi/ assassinado./ Tinha sido colega de Jaime Batalha Reis/ nos estudos sobre resinagem dos/ pinheiros na matta de/ Marinha Grande./ Era muito apreciado pelo JBR» (*).

BARROS GOMES, bacharel em Filosofia, formou-se em 1860 pela Universidade de Coimbra, partindo a estudar, na Saxónia, agronomia e silvicultura, como aluno externo da Academia Florestal e Agrícola de Tharandt (1861-62). «Fui depois, todo occupado de chimicas, e de hervas e de agric.» para Alemanha e encontrei me com o protestantismo e as suas tendencias fatalmente philosophicas e anti christãs» — diz em carta auto-biográfica a BATALHA REIS, de Junho de 1879 (**). Novamente em Portugal em 1863, é nomeado adido à repartição de agricultura no Ministério das Obras Públicas e, no ano seguinte, engenheiro de 2.ª classe, publicando então *Cultura das plantas que dão a quina* (Lisboa, 1874), o seu primeiro trabalho de fôlego, que os «Estudos Florestais», publicados no *Arquivo Rural* (1863-1864) ou as diversas notas na *Revista Agricola* (1868-1869), preparavam já.

A obra científica de BARROS GOMES desenvolver-se-á, porém, no curto espaço de tempo que então se inicia e que termina nos primeiros anos da década de 80. Em pouco mais de quinze anos publica cerca de

(*) Por exemplo, em carta datada provavelmente de 1873-74: «Meu Amigo/ O 3º vol. da prod. da Flora Hisp. de Willk. está á sua disposição na Calçada da Gloria nº 3-1º andar; onde previno para terem a bondade de o entregar a quem de sua parte for por elle./ Não sei quanto custa ao certo mas deve regular por uns 2\$000 rs. salvo erro; porque tem mais de 1000 paginas» (BNL, «Espólio de Jaime Batalha Reis» (Esp. IV), Cx. 9/13, Mç. 7). BARROS GOMES havia provavelmente conhecido o famoso naturalista austríaco MAURICIO WILLKOMM (1821-1895) em Tharandt, onde este leccionara entre 1855 e 1868. WILLKOMM, que visitou Espanha e Portugal por várias vezes em viagens de estudo (1844, 1850 e 1873), é autor de importantes obras sobre a Península Ibérica como: *Zwei Jahre in Spanien und Portugal* (Dresden, 1847), *Die Halbinsel der Pyrenäen* (Dresden, 1854) e *Prodromus florae hispanicae* (Stuttgart, 1861-1880).

(*) *Ibid.*, Cx. 9/16, Mç. 7.

(*) *Ibid.*, Cx. 9/40, Mç. 6 (v. Carta III).

uma dezena de trabalhos entre relatórios, mapas e monografias ⁽⁶⁾, além de muitos artigos dispersos pelas revistas científicas existentes, como o *Jornal de Horticultura Prática* ⁽⁷⁾. A missão culmina nos anos de 1876-78 com três importantes estudos: *Condições florestaes de Portugal. Illustrada com as cartas orographicas, scylographicas e regional, os perfis transversaes e as curvas meteorologicas mais caracteristicas* (Lisboa, 1876), *Notice sur les arbres forestiers du Portugal* (Lisboa, 1878) e, especialmente, *Cartas Elementares de Portugal* (Lisboa, 1878). Este primeiro atlas científico publicado em Portugal, laboriosamente preparado, dá conta não só da formação e capacidade do autor, como da sua preocupação geográfica de pensar o espaço em conjunto, que faz dele, entre nós, «o primeiro cultor da geografia científica», no dizer de ORLANDO RIBEIRO ⁽⁸⁾. BATALHA REIS, que seguira os trabalhos com entusiasmo, é o grande divulgador do volume: «Já (...) dei noticia detalhada dos trabalhos importantes do Sr. Bernardino Barros Gomes acerca das condições florestaes de Portugal (...) [Eles] eram porém como que os preparativos p.^a obra mais complecta que acaba enfim de publicar se agora» ⁽⁹⁾. BARROS GOMES agradecerá em carta de 6 de Fevereiro de 1879: «Mostraram-me hontem a sua revista com uma apreciação das minhas cartas, em termos que bem revelam a sua benevolencia e o seu desejo de que seja aproveitada alguma coisa que ellas tenham de bom. Deus hade permittir que de algum modo assim seja. (...) ..vivo na minha [Lisboa] bastante isolado, com desejo de me occupar cada vez mais de tudo quanto pode repor-nos no caminho da educação verdadeiramente christã, este 1.^o dos nossos recursos, que anda tão descurado, e sem o qual tudo fica tão esteril apesar de trabalhos *insanos*» ⁽¹⁰⁾.

Já então as reflexões morais e religiosas o preocupam sobremaneira. Publicará ainda alguns relatórios relativos às florestas portuguesas, um dos quais com JAIME BATALHA REIS e JOÃO IGNÁCIO LAPA: *Relatório da Comissão nomeada para estudar a influencia da resinagem no Pinhal*

⁽⁶⁾ Como por exemplo o *Relatorio florestal sobre as mattas da Machada e Valle de Zebro* (Lisboa, 1865) ou o *Relatório da Administração Geral das Mattas do Reino relativo ao anno economico de 1871-72* (Lisboa, 1873).

⁽⁷⁾ No *Jornal de Horticultura Prática* (Lisboa, IX, 1878, p. 70-75), publica BARROS GOMES um artigo sob o título: «Condições agricolas do Minho», na realidade uma das primeiras sérias e pensadas descrições regionais de Portugal. A tarefa parece ter sido levada a cabo pelos cultores das ciências agrárias: JAIME BATALHA REIS em Viseu (cf. *Agricultura no Districto de Vizeu*, Lisboa, 1871) e D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO, em Trás-os-Montes (cf. *A Quinta districtal de Bragança no anno agricola de 1875 a 1876*, Porto, 1877).

⁽⁸⁾ RIBEIRO, O. — «Barros Gomes, geógrafo», *op. cit.*, p. 105.

⁽⁹⁾ BNL, Esp. IV, Cx. 68/1, Mç. 111 (4). Ver transcrição completa do apontamento na parte final desta nota. Sobre a troca de impressões durante a última fase de redacção do trabalho, v. Carta I.

⁽¹⁰⁾ BNL, Esp. IV, Cx. 9/40, Mç. 6 (v. Carta II).

de Leiria (Lisboa, 1881). Entrará para a Congregação dos Padres Lazaristas onde se ordena presbítero em 1888, abandonando por completo a vida científica. Ao antigo académico e engenheiro silvicultor, BERNARDINO DE BARROS GOMES, vão encontrá-lo os revolucionários republicanos, no Convento de Arroios, em 4 de Outubro de 1910. Aí morre assassinado em circunstâncias nunca bem esclarecidas, nos conturbados acontecimentos de então.

A breve selecção que fizemos e aqui deixamos da correspondência de BARROS GOMES a BATALHA REIS contempla tão só algumas das cartas onde encontrámos um maior número de indicações sobre a formação e a evolução de BARROS GOMES como geógrafo e sobre os seus trabalhos. Ficam, no segredo do arquivo, bilhetes diversos, curtas mensagens onde se marca um encontro, se pedem notícias de uma doença, se discute um problema administrativo.

As quatro cartas transcritas reportam-se aos anos de 1878-1880, anos profícuos na colaboração científica entre os dois professores. BARROS GOMES ultima e publica as *Cartas Elementares de Portugal*, BATALHA REIS lecciona no Instituto Geral de Agricultura e exerce o publicismo da literatura agrícola, os dois analisam a influência da resinagem no Pinhal de Leiria ⁽¹¹⁾.

Em meados de 1877, JAIME BATALHA REIS regressara compulsivamente da sua visita aos Estados Unidos, onde se encontrava a estudar a cultura do algodão, da cana-de-açúcar e especialmente da vinha e suas doenças (filoxera). Retoma a docência e a investigação agronómicas, sendo eleito em Fevereiro de 1878, vice-presidente da Assembleia geral da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa. Dois anos depois, é-lhe entregue a regência da cadeira de Microscopia e Nosologia Vegetal, da qual virá a ser lente em 1882 ⁽¹²⁾. BATALHA REIS prepara-se no entanto para uma grande opção — a carreira diplomática. Em Abril de 1883, toma posse do consulado de Newcastle. BARROS GOMES prepara também a sua — o abandono da vida secular. É essa preparação o aspecto que mais ressalta nas cartas a JAIME BATALHA REIS: «...achei me preparado para perceber e ler com interesse e proveito a vida dos meus desconhecidos S. Fr.º d'Assis e S.ª Clara, depois *jórnaes* e *folhetos* religiosos; depois *catalogos* de livros e publicações religiosas, sobretudo alemãs, e assim acordei da minha ignorância do movimento religioso do nosso tempo para me interessar por todas as suas manifestações. (...) Justo é que eu procure meio de fazer participar aos meus amigos das boas fortunas que encontrei animando-os com o bom resultado das diligências que empreguei sempre» ⁽¹³⁾. A atenção que o antigo conferente do

⁽¹¹⁾ Ver Carta IV.

⁽¹²⁾ COSTA, FERNANDO MARQUES DA — «Sobre um possível Jaime Batalha Reis e tábua biocronológica de Jaime Batalha Reis», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 3 (1-2), 1983, p. 142.

⁽¹³⁾ BNL, Esp. IV, Cx. 9/40, Mg. 6. Sairá só postumamente o único trabalho que conhecemos de BARROS GOMES sobre temas religiosos: a tra-

Casino parece dar aos «estudos moraes» responde BARROS GOMES, com uma das mais interessantes e humanas cartas ⁽¹⁴⁾. Os «factos ao correr da pena» dão conta da «reconversão» que o homem de ciência atravessa, a que não seriam alheias as mortes do pai, da mãe e da mulher. Em carta de Outubro do ano seguinte dirá: «...depois de 3 mortes, 3 lições — a da mãe, a do pae, a da mulher! E um grande sentimento da *nossa* miséria!» ⁽¹⁵⁾.

O convívio entre os dois homens datava provavelmente dos últimos anos de BATALHA REIS como aluno do Instituto Geral de Agricultura. Já em 1871, um ano marcante para o grupo do Cenáculo, BARROS GOMES convida BATALHA REIS a proferir conferências no Instituto ⁽¹⁶⁾. Em Julho de 1874, reunindo BATALHA colaboradores para a *Revista Occidental*, apela à família BARROS GOMES. BERNARDINO responde: «Ex. S. (...) Pode acreditar que terei verdadeira satisfação se alguma vez conseguir justificar de alguma maneira a sua expectativa; e que para isso empenharei bons esforços./ Meu pai escreveu a VE./ Meu irmão não deixará pelo seu lado de ambicionar contribuir alguma vez para a publicação projectada, que se annuncia com o mais sympathico dos programas, por se basear nessa grande fortuna herdada, a communidade de raça da peninsula e das americanas do sul./ Assim Deus nos ajude a aproveitá-la, como nos ajudou em concedela. Eramos um ou dois milhões; hoje somos 13, aqui e nos Brasis e mais colonias» ⁽¹⁷⁾. A admiração de BATALHA REIS pelo trabalho científico de BARROS GOMES continuará, publicitando os resultados em notas e recensões: «Valverde, 14 de Junho de 1878/ Meu Amigo/ Quando sabbado á noite (8 do corrente) cheguei a Santarem encontrei meu irmão e cunhada que me traziam os seus jornaes e a sua carta; por onde vi que muito tinha de lhe agradecer a sua bondade constante em julgar favoravelmente dos meus trabalhos» ⁽¹⁸⁾.

BATALHA REIS recorria a BARROS GOMES, e a outros agrónomos e silvicultores (como aliás sempre consultou especialistas da musicologia, da história de arte, da literatura) para resolver problemas surgidos sobre o que estivesse a trabalhar: «Tambem aqui não tenho apromptada ainda a colecção d'assuntos que me pediu; do que lhe peço desculpa, na certeza que não deixo de dar conta della» — responde BARROS GOMES numa carta não datada mas, provavelmente de 1873-74 ⁽¹⁹⁾.

As *Cartas Elementares de Portugal* publicar-se-ão nos últimos meses de 1878. A 14 de Julho diz ainda: «As cartas elementares estão por pouco a concluir». O agradecimento de BARROS GOMES à apreciação do volume por JAIME BATALHA REIS nas páginas do *Diário de Notícias*, data

dução da obra de VINCENT NABB, O. P., *A Rainha Santa Isabel de Portugal* (Lisboa, 1938).

⁽¹⁴⁾ Ver Carta III.

⁽¹⁵⁾ BNL, Esp. IV, Cx. 83/3, Mç. 135 (28). Ver Carta IV.

⁽¹⁶⁾ *Ibid.*, Cx. 48/6 (2).

⁽¹⁷⁾ *Ibid.*, Cx. 80/12, Mç. 131 (23).

⁽¹⁸⁾ *Ibid.*, Cx. 25, Mç. 22 (21). V. Carta I.

⁽¹⁹⁾ *Ibid.*, Cx. 9/13, Mç. 7.

de Fevereiro de 1879, e BATALHA REIS não poupara elogios, seguro que estava de que uma obra notável acabava de ser criada ⁽²⁰⁾. No mês seguinte, sai na *Gazeta dos Lavradores* uma outra desenvolvida recensão sua ⁽²¹⁾, e mais terá feito...

«Já neste mesmo logar eu dei notícia detalhada dos trabalhos importantes do Sr. Bernardino Barros Gomes acerca das condições florestaes de Portugal. Entre elles uma revisão das classificações dos Carvalhos portugueses foi principalmente p.^o mim exposta e n'alguns pontos mesmo discutida./ Os trabalhos de que então dei noticia eram porem como que os preparativos p.^a obra mais completa que acaba enfim de publicar se agora./ Ter uma ideia exacta do que é o paiz que se habita é a primeira necessidade de todo o homem. O novo livro do Sr. Bernardino Barros Gomes «*Cartas Elementares de Portugal*» é o unico capaz de dar aos portugueses uma tal instrucção./ É elle tambem o unico que conheço onde se achem reunidas todas as observações scientificas que podem dar da agricultura das nossas regiões e do futuro da nossa economia cultural, uma idela correcta./ Em poucos paizes se demonstrara tão completamente como em Portugal até que ponto o homem e a Sociedade são filhos do meio natural que os rodeia. Geologia, clima, accidentação dos terrenos, direcção das montanhas, distancia do equador e distancia do mar, tudo se nos mostra concorde, p.^a uma vez estudado, p.^a explicar p.^o completo, a distribuição da povoação em Portugal, o caracter da vida agricola, as tradições historicas, o genio dos habitantes, a natureza das producções, o aspecto da paisagem, a quota do imposto directo, e ainda as difficuldades e a natureza dos futuros progressos./ Se só agora podemos definir numericamente o nosso clima e, a nossa orographia p.^a assentar d'um modo definitivo as grandes linhas da nossa divisão regional, são esses mesmos numeros que nos mostram até que ponto os traços naturaes das regiões se impõe ao homem mesmo inconscientemente. Vem os trabalhos coordenados p.^o o sr. Bernardino Barros Gomes demonstrar que as antigas provincias de Portugal e ainda a maior parte dos antigos concelhos eram verdadeiras divisões naturaes. Cada uma d'essas provincias poude sempre, como pode ainda hoje, considerar-se sem erro, como uma unidade perfeitamente definida e mais creada pela natureza que pela historia./ As razões fundamentaes das solidões alentejanas e da excessiva população do Minho; da constituição da propriedade rural nas duas provincias; e das difficuldades economicas diferentes mas graves com que ambas luctam, estão na quantid.^o de humidade da região do norte, e na secura da região do sul; nos accidentes das terras e nas montanhas da primeira e na pouca altitude da segunda» ⁽²²⁾.

Mértola, Outubro de 1987.

JOÃO CARLOS GARCIA

⁽²⁰⁾ Ver Carta II.

⁽²¹⁾ «*Cartas Elementares de Portugal*», *Gazeta dos Lavradores*, Lisboa, Março de 1879, p. 43-45.

CARTAS

I

Valverde, 14 de Junho de 1878

Meu amigo

Quando sabbado á noite (8 do corrente) cheguei a Santarem encontrei meu irmão [1] e cunhada que me traziam os seus jornaes e a sua carta; por onde vi que muito tinha de lhe agradecer a sua bondade constante em julgar favoravelmente dos meus trabalhos. Deus permitta que elles preencham bem o seu fim, apesar das deficiencias todas da sciencia do autor. As cartas elementares estão por pouco a concluir. Tive a fortuna de obter bom auxilio na reunião do texto da carta agronomica, talvez o mais importante e curioso por conter a parte geologica, a parte meteorologica e a parte economica ou pelo menos a distribuição do nosso curiosissimo imposto predial. Vão acompanhadas duma lista geral dos concelhos com uma especie de «caracteristica» agronomica de cada um comprehendendo:

- 1) hectares por habitante
- 2) classe da densidade da povoação humana
- 3) numero total de cabras
- 4) » » » ovelhas
- 5) » » » porcos
- 6) » » » bois
- 7) classe de densidade destas 4 especies por hectare
- 8) area do concelho
- 9) Zonas d'elevação que comprehende (1ª, 2ª, 3ª e 4ª)
- 10) classe de clima que nelle domina (5 climas littoraes e 5 cl.ª internos)
- 11) rochas que o constituem
- 12) arvores florestaes que nelle dominam
- 13) classe de quota predial que paga por hectare.

A variedade de condições dos nossos concelhos sobressae assim de uma maneira interessante.

(22) BNL, Esp. IV, Cx. 68/1, Mç. 111 (4). A nota manuscrita encontra-se em quatro folhas (as duas primeiras pautadas), numeradas de 2 a 5. No verso da primeira lê-se timbrado: «Exposição Internacional de Philadelphia/ Comissão/ de/ Portugal».

[1] O irmão de BERNARDINO DE BARROS GOMES é HENRIQUE DE BARROS GOMES (1843-1898), também homem de ciência, mas sobretudo conhecido como publicista e político. Várias vezes ministro, sobraçou as pastas das Finanças, dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, nos últimos anos da monarquia.

Esta lista esta concluida e devo ver as provas no sabbado, de tudo ou parte. Mas tenho de completar o texto da carta de povoação com algumas considerações elementares sobre a distribuição dos gados e sobre a emigração e movimento da povoação. Talvez accrescente ainda uma especie de introdução, explicando-me sobre os fins e utilidade que poderá ter este trabalho.

O texto da carta dos concelhos dirá aos que *fazem o favor de ser meus amigos* onde vou buscar e onde encontro estímulo e direcção para os meus esforços litterários. A paciencia e a perseverança e o bocado de bom senso que é preciso para qualquer pequena obra, tenho-a ido buscar á fonte limpa que fazia dizer a meu pae — se tens a fé tens um grande recurso», e me animou assim a recordarme do meu catecismo esquecido e a ir buscar «espírito e vida» onde ha 18 séculos os tem achado, pequenos e grandes, os homens que nos deixaram melhores exemplos a seguir. «La force chrétienne consiste à se croire faible». Lembro lhe o Padre João de Loureiro cuja biografia, feita por meu pae [²], foi para mim uma revelação. Astronomo, botanico, academico e missionário, tudo isto foi, e do modo o mais assignalado. E é assim, muito á portuguesa, que espero, no meu tanto, trabalhar em quanto Deus for servido; vivendo muito contente «desta glória só»; melhor ainda do que a do nosso Camões! Enfim, neste capitulo, seria um *nunca acabar* de expansões, e a medida do papel não dá para mais. Creia-me mais ser h.º am.º e obr.

B. Barros Gomes

(BNL, Esp. IV, Cx. 25, Mç. 22 (21)).

II

Meu amigo e Sr.

Mostraram-me hontem a sua revista [³] com uma apreciação das minhas cartas, em termos que bem revelam a sua benevolencia e o seu desejo de que seja aproveitada alguma coisa que ellas tenham de bom. Deus hade permittir que de algum modo assim seja. Entretanto tudo tem difficultado n'um tempo de tantos autores e de leitores tão abastados de livros, para não fallar da aluvião de jornaes. Sinto não ter o gosto de o ver ha bastante tempo, mas vivemos em duas Lisboas differentes,

[²] BARROS GOMES (pai), também naturalista, publica entre outros trabalhos: *Vegetaes fósseis. Flora fóssil do tempo do terreno carbonífero das vizinhanças do Porto, serra do Bussaco e Moinho d'Ordem proximo de Alcacer do Sal* (Lisboa, 1865) e *O esgoto, a limpeza e o abastecimento das aguas em Lisboa, o que foram ou são, e que devem ser, considerado tudo, as boas praticas e doutrinas* (Lisboa, 1871). *O elogio histórico do P.º João de Loureiro* é editado em Lisboa, em 1865.

[³] «Revista Agricola», *Diário de Noticias*, Lisboa, 2.2.1879.

e eu, cada vez mais apensionado com pequenos trabalhos, vivo na minha bastante isolado, com desejo de me occupar cada vez mais de tudo quanto pode repor-nos no caminho da educação verdadeiramente christã, este 1.º dos nossos recursos, que anda tão descurado, e sem o qual tudo fica tão estéril apesar de trabalhos *insanos*. Nas matas pouco me resta a fazer para concluir os trabalhos começados. Pouco sei também das suas occupações. Peço a Deus que lhas inspire tão boas e tão uteis como o permitem os bons recursos de que dispõe.

Creia-me

Lx. 6/2/79.

De VE.

M.º h.de Amigo e m.º Obr.

B. Barros Gomes

(BNL, Esp. IV, Cx. 9/40, Mç. 6).

III

3/6/79

Meu amigo

Aqui tem *factos* ao correr da pena para os seus estudos moraes.

Estudei cathecismo em pequeno e não me recordo que me soubessem metter no coração as verdades que elle ensina.

Minha mãe comprou-me livros de historias com approvações episcopaes. Lia e gostava e saboreava lhes o espirito bom que as anima. Via-a toda occupada d'asylos. Quando morreu foram os asylos a sua coroa de gloria.

Estudei depois latim e a historia de Frei B. dos Martyres, que trataria para fazer os themas, fez me grande e duradoura impressão, sobretudo aquella celebre historia da visita ao D Abade encarcellado, castigado pelo arcebispo com uma simples varinha d'oliveira.

Passai 6 annos em Coimbra deante d'aquelles 2 enormes conventos de S Francisco e Santa Clara e — comme il faut beaucoup de talent pour observer ce que l'on voit tous les jours — passaram esses annos sem eu formar idela do que gerações e gerações tinham pensado e feito de bom sob as inspirações de S. Fr.º e S.ª Clara.

Fui depois, todo occupado de chemicas, e de hervas e de agric.ª para Alemanha e encontrei me com o protestantismo e as suas tendencias fatalmente philosophicas e anti christãs. Tive d'um lado as obras de Lessing do outro (em Wolfenbüttel por signal) as do arcebispo dos meus themas e comecei a aperceber-me que o arcebispo era o meu homem.

Voltei, comecei a fazer pela vida, trabalhando esterilmente como um negro. Encontrei meu pae lendo todos os dias um sudário das nossas fraquezas, um *jornal*; onde fui vendo crescer cada dia a distancia que nos separava da Igreja do bom arcebispo. Mas um dia, um dia feliz, apesar de ser dia de miserias politicas maiores que o ordinario, achei á mão um livro que — lhe apresento. Era de um bispo que vinha de

reforço ao bom arcebispo. Era de boa origem. Dera-o a Imperatriz a meu pae quando elle foi nomeado p.^a o cons.^o d'inst. publ.^a Li e fui — dige-rindo e fui percebendo pouco a pouco, e fui olhando para mim e para as miserias crescentes em mim e fora de mim. E fui comparando e ligando o que o bispo dizia com o que o arcebispo pensava e punha por obra. E fui um dia a S. Luis, por acaso e achei me surpreendido pelo espec-taculo novo para mim, de muita gente a tomar a sagrada comunhão. Tinha casado com senhora protestante, sentia o desejo de ser bom e de me livrar de miserias grandes e animavam-me a isso os melhores elementos christãos que me vinham de minha mãe, de minha familia, e do espirito honrado e reflectido de meu pai. Não foi preciso que me dissesem o que tão *portuguezmente* e a proposito se diz ás vezes — Homem, váse confessar! — *Fui* confessar me. E o padre disse me «*Mon fils, si vous voulez commencer une vie vraiment chrétienne, toute surnaturelle, je pourrais vous y aider*». E eu disse em boa hora «*Oui, non père je le veux*». E pouco depois era membro das conferencias de S. Vicente de Paulo e li outro livro que lhe apresento, e achei me preparado para perceber e ler com interesse e proveito a vida dos meus desconhecidos S. Fr.^o d'Assis e S. Clara, depois *jornaes* e *folhetos* religiosos; depois *catalogos* de livros e publicações religiosas, sobretudo alemãs, e assim acordei da minha ignorancia do movimento religioso do nosso tempo para me interessar por todas as suas manifestações. Quando ha dias vi um bispo entrar em S. Luis, dizer a sua missa, dar a Santa Com-munhão e nesse momento, ao receber a sancta particula, dar se me a conhecer como o arcebispo de Goa, meu antigo companheiro de Coim-bra [*], mudado na cor do cabello e na voz, mas não na amisade christã e na fé; dizendo com fervor e amor o *Ecce Agnus Dei, ecce qui tolis peccata mundi*; quando depois o ouvi contar das maravilhas da exposição do corpo do outro S Francisco, dizendo com a maior alegria «*Dans ces jours, je vous assure, il n'y avait pas un seule libre penseur à Goa — je vous le garantie: toute le monde était croyant. Confesso lhe que fiquei confirmado humildemente n'aquella fé que se vende nos cathecismos por 10 reis, que se revela aos pobres e aos humildes e que se esconde muitas vezes dos sabios e dos prudentes! E assim que — de arcebispo em arcebispo, me tem Deus guiado e ajudado. Justo é que eu procure meio de fazer participar aos meus amigos das boas fortunas que encontrei animando-os com o bom resultado das diligencias que empreguei sempre.*

M.^o Obr.^o e h.de am.^o

B. Gomes

(BNL, Esp. IV, Cx. 9/40, Mç. 6).

[*] O arcebispo de Goa é D. Aires Ornelas e Vasconcelos (1837-1880), Doutor em Teologia por Coimbra em 1860, bispo do Funchal em 1872 e arcebispo de Goa desde 1874.

Marinha Grande, 27 de Out.º d 1880.

Meu amigo

Os documentos que d'aqui levou são parte aqui precisos, parte em Lisboa ao adm.º Geral, que pede o rel.º d 1878/9. Foi me aqui sobretudo falha a planta em tela. E talvez nada disto lhe seja já ahi preciso. Peço pois a devolução.

Quanto ás plantas peço o favor de as mandar á escola Polyt.ª com a designação *plantas da Marinha G. a incorporar no herb.º de adm. Geral* ao cuidado de Ill Sr. Ant.º Ricardo.

Quanto ao nosso trabalho, a parte minha pouca demora pode ter. Antes de sabbado espero *remettela*.

Desejei velo, mas no cam.º de sua casa parei em S.ª Joana, com a consciencia que me faltava o tempo preciso. Deus o ajude, meu amigo, em tudo, e aos seus, e nos dê realmente a realidade suprema da «fé viva, da esperança firme, da caridade ardente» como tanto deseja o seu amigo humilde e m.º obr. que lhe diz com verdade [?] — com Christo! depois de mortes 3 lições — a da mãe, a do pae, a da mulher! E um grande sentimento da *nossa* miseria!

B. Barros Gomes

(BNL, Esp. IV, Cx. 83/3, Mç. 135 (28)).

VILLES ET VILAS DANS LA MONTAGNE DU MINHO (NORD-OUEST DU PORTUGAL)

A l'intérieur du Minho, l'aire montagnarde la plus importante du Nord-Ouest du Portugal, on trouve quelques vilas qui seront le principal objet des considérations qui constituent cette communication.

Si l'on étudie le développement des principales agglomérations de la population dans une région rurale, on est d'abord tenté par l'observation des falls urbains qu'elles peuvent présenter.

Si la définition de ville est toujours très complexe, surtout dans les niveaux inférieurs de la hiérarchie, les difficultés augmentent lorsqu'on se trouve en présence de petites bourgades possédant des fonctions urbaines. De plus, elles sont disséminées dans cette région rurale, et conservent encore des caractéristiques traditionnelles de la ruralité. Le problème devient encore plus difficile à résoudre dans un espace de population dispersée, où les principales agglomérations apparaissent seulement comme des noyaux de concentration de bâtiments. Leur taille est souvent réduite et leurs limites restent floues, par une transition graduelle vers la dispersion presque parfaite des établissements commerciaux et des maisons résidentielles. Malgré tout, et bien que de taille réduite, ces agglomérations abritent des activités propres aux centres